

CURSO DE LETRAS

Marina de Oliveira

**ESTUDO DO CANIBALISMO NA HISTÓRIA E NA LITERATURA E O
SIGNIFICADO DE *HANNIBAL LECTER* COMO POSSÍVEL OGRO
CONTEMPORÂNEO**

Santa Cruz do Sul

2016

Marina de Oliveira

**ESTUDO DO CANIBALISMO NA HISTÓRIA E NA LITERATURA E O
SIGNIFICADO DE *HANNIBAL LECTER* COMO POSSÍVEL OGRO
CONTEMPORÂNEO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como tarefa integrante do currículo normal do curso.

Orientador: Prof^a. Rosane Cardoso

Santa Cruz do Sul

2016

AGRADECIMENTOS

Difícil escolher a quem agradecer, especificamente nesse momento da vida acadêmica, no qual muitos sonhos, expectativas e ânimos se encontram. Primeiramente gostaria de agradecer a ninguém mais que a meus pais. Eles que desde que tomada a decisão para ingressar no curso de Letras me apoiaram, ficaram tão maravilhados quanto eu; não mediram esforços e não somaram custos para que esse dia chegasse o mais rápido possível. Sempre me ensinaram o certo, a boa conduta e o respeito a qualquer um que cruzasse meu caminho; deram suporte nas decisões mais complicadas e temidas. A palavra de ordem é gratidão.

Merecem meu agradecimento em especial todos os amigos e colegas por palavras de empatia, pelo apoio e por entenderem que todo tempo livre era dedicado à monografia e ao Sr. Lecter.

Muitíssimo obrigada, um abraço carinhoso, lágrimas de felicidade e um largo sorriso à minha orientadora Rosane Cardoso, que apoiou a decisão de trabalhar com algo um tanto quanto diferente e, de certo modo, difícil. Obrigada por encarar e vencer comigo esse desafio que sozinha não seria possível. Acreditar e reconstruir essa ideia junto a mim com toda certeza não foi tarefa fácil.

Professores, mestres e amigos que batalharam todos os dias não só por mim, mas pelos meus colegas, sinceros agradecimentos.

Portanto é necessário arranjar uma colher bem comprida

Para comer com um amigo.

- Geoffrey Chaucer

“O conto do mercador”

Os contos de Canterbury

RESUMO

O canibalismo está inserido na literatura desde a Idade Média, quando os contos populares eram passados oralmente entre as comunidades. As primeiras adaptações desses contos se deram para uma leitura direcionada ao público infantil, denominados “contos de fadas” ou “contos maravilhosos”. O ogro por si só, é uma criatura de má índole que quer devorar aqueles que passarem por seu caminho. Ele aparece nas estórias dos irmãos Grimm e de Charles Perrault. Hannibal Lecter é uma personagem contemporânea criada pelo escritor Thomas Harris. Sua primeira aparição é em *Dragão vermelho*, posteriormente sendo personagem principal em *O silêncio dos inocentes*. Lecter é um renomado psiquiatra, com um passado sombrio e que sente total prazer em comer seus pacientes ou pessoas do seu círculo social. Nosso estudo busca fazer uma trajetória do canibalismo real e nos contos de fadas, relacioná-lo com o vampirismo para assim chegarmos ao estudo da personagem Hannibal Lecter, e caracterizá-la como um ogro contemporâneo.

Palavras-chave: Canibalismo, Contos, Ogro, Hannibal Lecter.

ABSTRACT

Cannibalism is inserted in the literature from the Middle Ages, when the folk tales were passed down orally among communities. The first adaptations of these tales is given to a reading directed at children, called "fairy tales" or "wonderful tales." The ogre itself is a creature of evil nature that wants to devour those who pass by on their way. He appears in the stories of the Grimm's and Charles Perrault.

Hannibal Lecter is a contemporary character created by writer Thomas Harris. His first appearance is in *Red Dragon*, and later the main character in *The Silence of the Lambs*. Lecter is a renowned psychiatrist, with a dark past and feel full pleasure in eating their patients or people from your social circle.

Our study seeks to make a trajectory of real cannibalism and fairy tales, relates it with vampirism so to get to study the character Hannibal Lecter, and characterized it as a contemporary ogre.

KEYWORDS: Cannibalism, Tales, Ogre, Hannibal Lecter.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 O CANIBALISMO.....	09
2.1 A história do canibalismo: questões histórico-antropológicas (o canibalismo na cultura.....	09
2.2 Canibalismo e Psicanálise (como a psicanálise vê o canibalismo).....	15
2.3 Canibalismo e interdição social (quando vira crime).....	17
3. A FICCIONALIZAÇÃO DO CANIBAL: O OGRO NA LITERATURA.....	20
3.1 O ogro na mitologia grega: o mito de Cronos.....	20
3.2 O ogro no conto de fadas.....	21
3.3 O ogro como vampiro: a obra de Bram Stoker.....,,.....	26
4. CAPÍTULO III – HANNIBAL LECTER: O OGRO CONTEMPORÂNEO.....	30
4.1 A obra: resumo, repercussão da obra (filme), fãs, vendagem, etc.....	30
4.2 Estudo da personagem Hannibal.....	36
4.3 Hannibal como o ogro contemporâneo.....	39
5 CONCLUSÃO.....	42
6 REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Nossa monografia tem como temas fundamentais, o canibalismo na história e na literatura, o ogro, personagem recorrente nos contos de fadas e contos nórdicos. O objetivo central do trabalho é a análise da personagem das obras de Thomas Harris, *Hannibal Lecter*, caracterizando-o como um possível ogro contemporâneo. Para isso buscamos a origem desse monstro, sendo assim possível a relação entre canibal-ogro.

As práticas canibais, ou antropofágicas, são tão antigas quanto a humanidade. Foi o historiador e cronista grego Heródoto, do século V a.C, o primeiro a abraçar a complicada tarefa de analisar e classificar o fenômeno do canibalismo. Foi ele que cunhou a palavra “antropofagia” (fusão de antropos, que significa “homem”, e phagein, comer), até hoje a mais apropriada para designar o ato de comer carne humana. Um tipo bem documentado é o canibalismo famélico, que aparece em períodos de extrema escassez de alimentos, como aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial. O canibalismo foi praticado por povos aborígenes pelo mundo inteiro, da África à Nova Zelândia (SCHECHTER, p. 229, 2014).

A origem do ogro pode ser explicada por diversas culturas, “Orcus”, do latim, significa Deus da morte ou do inferno. Traduzida do italiano, “Orco” quer dizer papão ou do espanhol “Huerco”, inferno ou diabo. Apesar das diferentes traduções e países, o que eles têm em comum é a sua característica: é uma criatura popular, ora aparecendo como gigante grotesco que usa grandes botas para melhor se locomover, ora como bruxa malvada ocidental. Se a antropofagia aproxima o canibal do ogro, por outro lado percebemos que o canibal é parte da história sociocultural humana e o ogro se alia ao mítico e à imaginação e se constrói na perspectiva do campo simbólico.

Em “João e Maria” (GRIMM, 1852), a expressão “bruxa malvada” aparece pela primeira vez, pois se torna uma elaboração física, uma vez que as bruxas não são comuns nas histórias de Grimm. Aqui ela assume uma importância representativa; a narrativa apresenta dilemas como a fome, o abandono e o medo de ser devorado. Os irmãos precisavam derrotar o monstro em casa e na floresta. Segundo Maria Tatar a bruxa é frequentemente representada como uma figura de traços judeus, um presságio dos horrores do Terceiro Reich (TATAR, 2004, p. 59).

Procuraremos características ogrescas nas obras *Dragão vermelho*, *O silêncio dos inocentes*, *Hannibal* e *Hannibal, a origem do mal*, que possam explicar a personalidade e as preferências de Hannibal Lecter, como ele se torna esse canibal e se de fato é um ogro. Freud uma vez citou: “A maldade é a vingança do homem contra a sociedade pelas restrições que ela impõe: [...] É o resultado do conflito entre nossos instintos e nossa cultura” (CASOY, 2014). Hannibal nasceu na Lituânia, período da Segunda Guerra Mundial, época de tensão entre as famílias que eram contra o exército SS de Hitler, e ainda quando criança sofreu traumas inimagináveis a um garoto de 12 anos.

Estudaremos sobre os vampiros, quais características canibais eles apresentam e se as apresentam. Nosso propósito é estudar como o canibalismo e o ogro se aproximam de Lecter e de como foi e de como tem sido a repercussão das obras de Harris, e suas adaptações para o cinema.

Esta monografia se insere na linha de pesquisa “Processos narrativos, comunicacionais e poéticos”, do Departamento de Letras da UNISC, cujo objetivo é construir sentido através da interpretação textual, buscando conhecimento sobre os elementos e processos narrativos e suas funções.

2 O CANIBALISMO

O canibalismo humano e real é um tabu para o coletivo, que o tem como algo a repelir. Nosso intuito é fazer uma análise e uma trajetória do canibalismo ao longo da história. Muitas tribos o fazem como forma de respeito aos entes queridos que partiram para o plano espiritual, outras comem o adversário morto para adquirir força. Existe também o canibalismo como forma de alimentação, que se alastrou em meio à fome e à miséria na Europa (DIEHL; DONNELLY, 2007). Ao final de nossa análise também trabalharemos com assassinos em série que, por sua vez, eram canibais descontrolados.

2.1 A história do canibalismo: questões histórico-antropológicas (o canibalismo na cultura)

O canibalismo aparece anteriormente a qualquer relato de antropólogos ou arqueólogos. É um conhecimento ou prática enraizado nas culturas, passado de geração em geração. É dotada de diferentes motivações e características ao longo do tempo e tal prática representa algo vil. Existem evidências de que o canibalismo já esteve presente na África, na América do Sul, América do Norte, nas ilhas do Pacífico Sul e nas Antilhas.

A palavra “canibal” tem origem no idioma “arawan”, que era falado por uma tribo da América do Sul que realizava a prática. Na Pré-História, diversos vestígios de corpos esquartejados e ossos quebrados levantam a hipótese de que esse tipo de “dieta” foi presente entre alguns povos de época. O canibalismo pode não ter sido a prática preferida, mas em tempos de necessidade qualquer carne é melhor do que nenhuma.

Segundo Daniel Diehl e Mark P. Donnelly, em *Devorando o vizinho: uma história do canibalismo*, é preciso mais para sabermos a qual estrutura nossos ancestrais estavam acostumados. Sendo assim, para mais detalhes avançaremos 3 milhões de anos e viajaremos para a China. Nas cavernas do monte Longgu, ao sul de Pequim, os abundantes vestígios do Homem de Pequim, de 500 mil anos atrás, oferecem claras evidências de que entre as fontes de alimentação estavam outros humanos (DIEHL; DONNELLY, 2007, p. 23). Essas evidências são muito similares

às encontradas na região centro-norte da Espanha; outros sítios arqueológicos na Grã-Bretanha e na Iugoslávia também apresentam indícios da prática canibal.

Os antropólogos, nos sítios arqueológicos suspeitos de canibalismo, procuram primeiramente marcas nos ossos, produzidas por pedras lascadas para a remoção da carne logo após a morte. Para distinguir aqueles que removiam a carne para enterrar os ossos como ritual daqueles que a devoravam, os antropólogos e cientistas visam determinar os tipos de ossos que eram encontrados nas pilhas. Nos sítios que eram apenas locais de parada durante uma expedição de caça, são encontrados ossos das mãos, espinha dorsal e costelas. Acredita-se assim, que as partes menos saborosas eram cortadas e deixadas para trás. As partes mais apetitosas, como pernas e braços, tendem a ser descobertas em acampamentos permanentes junto à carcaça de animais, todos com as mesmas marcas de processo de carneação.

O termo “antropofagia”, do grego explicado por Heródoto no século V a.C (*antropos*, que significa homem, e *phagein*, comer) é o mais adequado para designar o homem que devora seu semelhante. Já a origem da palavra canibal foi cunhada pelo grande explorador Cristóvão Colombo depois da sua chegada às ilhas da Índia Ocidental, conhecidas como as Pequenas Antilhas, hoje chamadas de Caribe. Nesse sentido, cumpre transcrever as palavras de Diehl e Donelly:

Entre as tribos das Pequenas Antilhas existia um povo que se referia a si mesmo como “cariba”. Os exploradores espanhóis concluíram, erroneamente, que este era o nome que davam a si próprios, quando na verdade era um nome descritivo significando “corajoso” ou “bravo”. Os espanhóis tinham certa dificuldade em pronunciar “cariba” e diziam “caniba”. De “caniba” evoluiu para “canibal”, e uma vez descoberto que os “canibais” cometiam o pecado máximo de comer carne humana, o nome dos habitantes dessas ilhas se recobriu de um significado inteiramente novo e genérico. Nos cinco séculos seguintes às viagens de Colombo para o Novo Mundo, o termo “canibal” tem sido utilizado para difamar quase toda cultura vista como inferior, para descrever grupos ou indivíduos que consomem ou no passado consumiam carne humana (DIEHL; DONELLY, 2007, p. 30-31).

Por vezes o termo não é suficiente para abranger os motivos que levam certos grupos a consumirem a carne da própria espécie. Sob a classificação ampla de “antropofagia” há subclassificações, como o “endocanibalismo” – consumir amigos ou parentes mortos como um ato de respeito – e o “exocanibalismo” – ato de ingerir inimigos mortos em batalhas ou como sacrifício a uma deidade menor e enfurecida.

A prática canibal de uma maneira mais ou menos ampla, foi praticada por grupos tribais humanos nos quatro cantos do globo, ou seja, existem inúmeras razões básicas que podem explicar por que uma sociedade praticaria o canibalismo. Pode ser parte de uma cerimônia que honra os mortos; uma celebração pós-guerra, na qual a bravura do inimigo é absorvida; um meio desesperado de se defender da fome extrema ou ainda de superar a deficiência de proteínas da dieta básica; e também pode haver sociedades que o fazem por apreciarem o sabor da carne. No geral, há um aspecto religioso nesses procedimentos em que, de uma maneira ou outra, dentro de estruturas sociais, o canibalismo é aceito. Nessas sociedades a carne humana tem sido considerada frequentemente pouco mais do que uma forma de prêmio de guerra a ser compartilhada com os vitoriosos.

Ainda em seu livro, Diehl cita que alguns exemplos estão divididos por regiões geográficas. Um dos primeiros relatos de canibalismo marcial foi do historiador Tácito, para quem, segundo seus Anais, guerreiros celtas arrancavam a cabeça dos inimigos vencidos e davam-nos aos seus sacerdotes, que comiam seus cérebros, acreditando que seriam impregnados com sua sabedoria.

Em 1520, o conquistador Hernán Cortés que teve contato com os astecas, quando chegou ao seu destino, se deparou com a prática de canibalismo numa escala inimaginável. Podemos utilizar das palavras de Diehl para melhor entender:

Ao entrar no território asteca, a expedição de Cortés, encontrou corpos semidevorados espalhados ao longo da estrada e homens enjaulados aguardando serem consumidos. [...] A maioria dos atos de canibalismo dos astecas era realizada em conexão com o sacrifício ritualístico. [...] Nessas cerimônias as múltiplas vítimas – com frequência em número de centenas ou milhares – subiam, em procissão, ao topo dos templos no alto das pirâmides, onde seus peitos eram apertados e seus corações, ainda batendo arrancados. Seus corpos então eram lançados pirâmide a baixo para serem divididos entre as pessoas, de acordo com sua classe social (DIEHL; DONELLY, 2007, p. 33, 34).

A conquista espanhola foi tão sangrenta quanto os sacrifícios astecas, Cortés ainda testemunhou muitos de seus homens serem capturados, torturados e devorados. Por volta de 1530, muitos europeus ainda nutriam a ideia de que índio bom era índio morto, justamente pelos fatos que se deram a partir do povo asteca. Esse pensamento também acompanhou o homem ao conquistar o território que hoje pertence aos Estados Unidos e ao Canadá.

O relacionamento inicial entre colonizadores e nativos norte-americanos podia se denominar cordial. Entretanto, o contínuo avanço do homem branco em grande

extensão nas terras das tribos gerou uma enorme tensão, especialmente nas mais agressivas. Como exemplo podemos citar os *Iroqueses*, guerreiros do Meio Oeste, que eram extremamente cruéis e inflexíveis. Após torturas, os prisioneiros eram decapitados e assados no espeto ou simplesmente assados vivos e consumidos pela tribo num jantar de celebração. Muitos jesuítas que tiveram acesso à tribo e trabalharam junto a ela, registraram diferentes ações. Outras tribos ao Leste e Oeste também eram canibais, como os *micmac* e os *dacota*, respectivamente. Esses grupos se limitavam a prática canibal aos corpos dos inimigos derrotados em batalhas. Ao noroeste a tribo *heilusk* praticava o canibalismo apenas como mágica tribal.

A experiência na América do Sul não foi diferente e sim igualmente perturbadora. O encontro do conquistador espanhol Francisco Pizarro em 1532-1533, apenas 12 anos depois de Cortés, com os Incas no Peru, sem dúvidas “foi um ataque brutal e desnecessário” nas palavras de Diehl e Donnelly (2007):

Pizarro e seus soldados destruíram a capital inca, mataram a nata das tropas imperiais e aprisionaram o rei Atahualpa. Atahualpa foi informado com toda a clareza de que teria de se inclinar diante do poder da Espanha e adotar a religião de seus conquistadores. Apesar de sua vida estar obviamente em perigo, Atahualpa respondeu que não se inclinava para homem nenhum e disse aos espanhóis o que achava da sua religião. Seu povo apenas sacrificava os inimigos aos deuses e certamente não comia seres humanos. O espanhol, por outro lado, matava seu próprio deus, bebia seu sangue e cozinhava seu corpo em pequenos biscoitos, que sacrificavam a si mesmos (DIEHL; DONNELLY, 2007, p. 37).

No Brasil o canibalismo presente no início da colonização no século XVI era visto como selvageria pelos colonizadores. Os motivos mais comuns que levavam essas tribos a tais técnicas eram os rituais resultantes das crenças indígenas. Acreditava-se que quando o indivíduo comia a carne de outro, ele recebia todo o seu poder e sua força. Em algumas civilizações, entre os tupinambás, primeiro relato objetivo, feito pelo alemão Hans Staden, que teve seu barco naufragado na costa brasileira, o consumo da carne de seus inimigos era visto como uma importante estratégia de sua cultura guerreira. A ingestão de partes do corpo de um oponente poderia oferecer a habilidade, a força e a inteligência do mesmo. Dessa forma, quanto mais difícil o oponente vencido mais cobiçada era a ingestão de suas carnes e órgãos. Ao longo do Amazonas, outras tribos como os *tarianas*, os *tucanos* e os

tupis-guaranis, também eram adeptos ao canibalismo, que no geral era restrito aos guerreiros inimigos capturados.

Passamos agora para o outro lado do Atlântico, onde tribos canibais foram igualmente registradas. Na África, apesar de sua grande extensão territorial, existem áreas em que o canibalismo jamais foi visto. Exploradores como o Dr. David Livingstone, e outros igualmente famosos, nunca registraram algum encontro com um canibal. Aqueles que o fizeram, provavelmente estavam explorando o Congo ou Camarões. O relato do explorador franco-americano Paul DuChaillu, por volta de 1827, descreveu que se encontrava no território *fang*, nos Camarões. Segundo DuChaillu, quando um membro *fang* morria, seu corpo era enviado ao vilarejo mais perto para ser esquartejado e vendido no mercado local. No Congo, os *ubangis* rotineiramente comiam a carne de escravos. Por fim, o canibalismo na África por puro prazer sobreviveu até recentemente. Durante o reinado do imperador Bokassa, no Império da África Central, entre 1976-1981, eram frequentemente encontrados na mesa principal pratos preparados com corpos de crianças roubadas das famílias em oposição política a Bokassa.

As ilhas do Pacífico Sul não podem ficar de fora, Austrália e Nova Zelândia merecem atenção, visto que as tribos maoris da Nova Zelândia estão entre as mais ferozes e conhecidas do mundo. O capitão James Cook ancorou seu navio na baía de Tesman, em 1769, e observou que os maoris não praticavam canibalismo por uma necessidade alimentar. “Em todas as partes da Nova Zelândia por onde estive o peixe era tão abundante que os nativos geralmente o pescavam [o suficiente] para servir a eles próprios e a nós. Eles têm também muitos cães; tampouco há falta de aves selvagens, que eles sabem muito bem como matar” (DIEHL; DONNELLY, 2007, p. 54).

Já na Austrália, para os nativos aborígenes, a prática mais comum era o consumo dos inimigos guerreiros, ou aqueles que se julgavam ser intrusos perigosos, durante uma cerimônia, na qual se acreditava que sua bravura seria absorvida junto com a carne.

Até agora vimos o canibalismo em suas origens e como ele se manifestou nas tribos ao longo dos séculos; e que essas não somente o faziam por puro prazer, mas também para concretizar suas crenças e para reverenciar seu deus, acontecimentos julgados como aceitáveis dentro de determinada cultura. Utilizando ainda o livro *Devorando o vizinho: uma história do canibalismo*, podemos encontrar exemplos,

justificativas nas quais o canibalismo também se deu por causa da fome e por guerras em vários pontos do planeta, ou seja, comer carne humana em circunstâncias desastrosas ou extremas com o propósito de sobrevivência, mesmo que a cultura dos envolvidos não admita tal prática. A fome desesperada foi um dos fatores que mais causou o ato canibal, quando não há outra saída, a moralidade é posta de lado (DIEHL; DONNELLY, 2007).

O Egito medieval (1200-1201) é um dos relatos mais surpreendentes de fome coletiva. Nesse período, um observador chamado Abd Al-Latif escreveu que mais de quinhentas pessoas morriam por dia em sua cidade (Cairo). Enlouquecidas pela fome, primeiramente as pessoas se limitavam a comer apenas os mortos; mais tarde passaram a devorar uns aos outros. Al-Latif escreveu que testemunhou crianças serem assadas e vendidas em mercados públicos. As autoridades tentaram conter a onda de ataques, porém sem sucesso. A prática de comer carne humana passou a ser tão comum que mesmo depois do término da fome, algumas pessoas continuaram a ingerir carne humana por puro prazer (DIEHL; DONNELLY, 2007).

Não foi somente no continente africano que a fome gerou caos e desespero. Países como Inglaterra, Irlanda e Rússia também sofreram as consequências. A Ucrânia ficou isolada pela fome em 1922, e qualquer coisa servia para saciar esse vazio. Na Rússia, em 1929 a 1931 moradores passaram fome por meses a fio. Morreram aproximadamente 3,5 milhões de pessoas vítimas da inanição e desnutrição:

O aspecto mais trágico e danoso desses períodos de fome é que foram ambos artificialmente criados. A Ucrânia sempre foi uma das regiões agrícolas mais férteis dos estados russos, porém quando o povo ucraniano apoiou o Exército Branco contra o comunismo, os bolchevistas puniram-no levando tudo o que haviam produzido [...] Para alimentar o Exército Vermelho. Da mesma forma a fome na Rússia de 1929 a 1931, foi o meio que o ditador Josef Stalin encontrou para punir os camponeses que resistiam à coletivização das fazendas (DIEHL; DONNELLY, 2007, p. 59)

Existem exemplos mais comuns quando falamos de antropofagia quando ligada à fome; esses estão ligados a naufrágios, quando os mais fortes de fato consumiam os mais fracos. Um dos acontecimentos em alto-mar foi em 1816, quando a embarcação Medusa, uma fragata francesa, inundou e afundou a caminho do Senegal. Cerca de 150 pessoas sobreviveram e se agarraram a uma seção intacta do barco. Durante dias as pessoas agonizaram, morrendo devagar devido a seus ferimentos, fome e sede. Inevitavelmente a desordem tomou conta, e alguns

foram assassinados; o sangue e a carne foram devorados por seus atacantes. Quando a balsa foi resgatada, apenas 15 ocupantes ainda estavam vivos.

O desespero os levou a retornarem a seus instintos primitivos, após sofrerem de difteria e tifo. Segundo o site Terra, em janeiro de 2014, a Rússia comemorou o aniversário de 70 anos da ruptura do trágico cerco às tropas nazistas à então cidade de Stalingrado, um dos episódios mais traumáticos da Segunda Guerra Mundial, que entre 1941 e 1944 matou pelo menos 1 milhão de pessoas [PORTAL TERRA, 2014, [s.p)].

Ainda podendo citar um exemplo mais recente, já no século XX, um avião das forças aéreas uruguaias caiu na Cordilheira dos Andes, em 1972, com 45 passageiros — jovens jogadores de um time uruguaio de rúgbi, o Old Christians, que faria uma partida em Santiago, acompanhados de parentes e amigos. Vinte e nove pessoas morreram. Em relação à comida, diante do desespero, optou-se por uma medida extrema: alimentar-se da carne dos mortos, mantida congelada sob a neve. Depois de 59 dias nas montanhas, em dezembro de 72, eles foram resgatados (O GLOBO, 2013, [s.p]).

A essa altura, está mais do que claro que existe uma variedade de razões pelas quais indivíduos e sociedades se engajam na prática canibal. Primeiramente, ficamos a par do contexto histórico e antropológico. Depois buscamos entender as tribos e seus rituais e, por fim, o canibalismo por sobrevivência, no qual em geral a população condena o consumo de carne humana quando não em situações de pobreza e desordem. Por quaisquer desses motivos, o canibalismo é compreendido, porém não aceitável.

Um último tipo de canibalismo é o aberrante, realizado por indivíduos da sociedade que de fato condenam essa prática. Não são casos de desespero, ideologias ou crenças religiosas aceitáveis. São ações de sociopatas, psicopatas e mentes doentes.

2.2 Canibalismo e Psicanálise (como a psicanálise vê o canibalismo)

Segundo Nahlah Saimeh¹ (2007) em seu artigo “Canibalismo: da cultura à perversão”, o ato de comer carne humana, praticado por culturas ancestrais e

¹Médica especialista em medicina legal e diretora do Centro de Pesquisas Forense da Vestfália (Alemanha).

durante alguns períodos de escassez, representa a concretização de fantasias sexuais sádicas que indicam problemas na constituição da identidade. Nos dias de hoje, está sempre associado a indivíduos de alguma forma deslocados na sociedade e quase sempre portadores de transtornos psíquicos.

Para a psicanalista Melanie Klein (1882-1960) todas as pessoas possuem impulsos destrutivos no começo da vida (ROSOSTOLATO, 2014). A expressão sádico-oral, que aparece na sua teoria, está relacionada ao prazer de sucção que normalmente é sucedida pelo ato de morder. Se a criança não obtiver gratificação em sugar, ela irá morder o seio da mãe. Conforme Rosostolato², essa agressividade da criança em relação à mãe é uma espécie de raiva deslocada, ou seja, o que dá origem à violência do canibalismo com propriedades sexuais, em que o sadismo é um elemento perverso. A oralidade e seus componentes sexuais determinam o modo como o bebê conhece o mundo e marcam toda a sua existência. Para Freud as fantasias orais sádicas ou canibalescas estão ligadas ao aparecimento de dentes e possibilidade de usá-los para morder, roer, rasgar e mastigar (ROSOSTOLATO, 2014).

Os ataques canibais da modernidade são cometidos por pessoas com transtornos de personalidade, ou seja, os psicopatas. A teoria freudiana acredita que a agressão nasce dos conflitos internos do indivíduo (CASOY, 2014, p. 19). Psicopatas são os melhores mentirosos e manipuladores. Não sentem remorso ou empatia. Canibais psicopatas têm maior probabilidade de serem *serial killers*, esses classificados como sádicos. Ou seja, matarem por desejo, sentindo prazer diretamente proporcional à dor da vítima (CASOY, 2014, p. 21).

Já vimos que o canibalismo é muito mais antigo que a própria sociedade em si, que, apesar de ser uma prática desprezada pelas comunidades num todo, foi aceito devido à falta de alimento ou por conquistas territoriais. Agora, passamos a discutir essa prática como uma interdição social, ou seja, quando o indivíduo se utiliza do canibalismo a despeito das regras da comunidade em que está inserido. Também chamada de antropofagia patológica, está relacionado a transtornos mentais e de personalidade, sadismo, a algum tipo de prazer sexual ou até à curiosidade. A ingestão de carne humana por assassinos tem vários motivos, alguns semelhantes aos rituais do canibalismo praticado por tribos ou que tem a fome como justificativa. Porém, nesses casos é considerado homicídio de primeiro grau.

² Vale ressaltar, o autor é Psicólogo e professor na FASM.

2.3 Canibalismo e interdição social (quando vira crime)

Muitos desses criminosos são considerados *serial killers*, que segundo Ilana Casoy, são indivíduos que cometem uma série de homicídios durante algum período de tempo, com pelo menos alguns dias de intervalo entre esses. O intervalo entre um crime e outro os diferencia dos assassinos em massa, indivíduos que matam várias pessoas em questão de horas. As vítimas representam um símbolo sobre o qual eles exercem poder e controle. Em seu livro *Serial killers: louco ou cruel?*, Casoy divide os assassinos em série em quatro grupos: visionário, missionário, emotivo e sádico (CASOY, 2014). Neste último, encaixam-se os canibais, sujeitos que matam por desejo. Seu prazer é proporcional ao sofrimento da vítima sob tortura. As vítimas são escolhidas ao acaso ou por algum estereótipo com significado simbólico para eles. A ação da vítima não precipita a ação do assassino, ele tem necessidade de dominar e as vítimas não são parceiras na realização de fantasias. O motivo do assassinato, no geral, só faz sentido a ele, pois “o crime é a própria fantasia do criminoso, planejada e executada por ele na vida real. A vítima é apenas um elemento que reforça a fantasia” (CASOY, 2014, p.25). Os assassinos em série também têm sua dissociação normal, quer dizer, sabem diferenciar sua vida em relação à fantasia:

O que capacita a dissociação é a fantasia. Quanto mais intrincada, maior é a distância mentalmente criada entre o comportamento criminoso do serial killer e o verniz superficial de personalidade que ele construiu. Sem esse verniz, *serial killers* não poderiam viver na sociedade sem serem presos de imediato (CASOY, 2014, p. 27).

O criminoso sabe exatamente o que é humilhante, desrespeitoso, doloroso e degradante para a vítima, e seu comportamento não é egocêntrico, o seu prazer sim. Por isso, nem todos são sociopatas ou psicopatas. Sociopatas são pessoas que ficam nervosas facilmente e se agitam com frequência. Eles são propensos a explosões emocionais, incluindo acessos de raiva. Vivem à margem da sociedade, incapazes de manter um emprego estável ou de ficar em um lugar por muito tempo. É difícil, mas não impossível, para um sociopata, formar ligações com outros. Já os psicopatas são incapazes de formar ligações emocionais, embora muitas vezes eles tenham personalidades encantadoras. Psicopatas são manipuladores e podem facilmente ganhar a confiança das pessoas (PSICONLINEWS, 2014, [s.p]). Eles

aprendem a imitar emoções, apesar de sua incapacidade de realmente senti-las, e vão parecer normais para pessoas inocentes. Os psicopatas têm total controle comportamental. Kerry Daynes, psicóloga forense, em seu livro *Como identificar um psicopata*, diz que os psicopatas podem ser qualquer um, são pessoas destituídas de qualquer empatia; que cada um tem uma série de problemas emocionais e comportamentos antissociais (DAYNES, 2012, p. 29).

Essas pessoas ditas psicopatas tentam conseguir tudo o que desejam. Demonstrem falsa preocupação com o outro, sem capacidade de entender sentimentos alheios. Observando as pessoas, os psicopatas rapidamente entendem como a reação da futura vítima, as seduzem para equipar uma vida de crimes (DAYNES, 2012, p. 30).

Fazendo uma breve retrospectiva de assassinos em série, primeiramente citamos Jeffrey Dahmer, um verdadeiro lobo em pele de cordeiro, um psicopata clássico, nascido em 1960 no estado de Wisconsin, EUA. Em *Serial Killers*, louco ou cruel? Ilana Casoy (2014), o descreve como uma criança e adolescente introspectivo e conturbado, devido a problemas psicológicos da mãe e do alcoolismo do pai. Na vida adulta, serviu no quartel a pedido do pai. Depois, foi morar com a avó. Sua violência aumentava conforme seu lado emocional piorava. Nessa época ninguém sabia que ele era um matador, necrófilo e canibal.

Dahmer fez pelo menos 17 vítimas e foi sentenciado a prisão perpétua pelo júri. O ritual post mortem era muito sofisticado; ele guardava em sua casa partes das genitálias, mãos e crânios. “Comia seus corações e tripas, e fazia croquete de carne humana; adorava fritar os músculos das vítimas que achava mais atraente e deliciar-se com a iguaria” (CASOY, 2014).

Em 1994, foi atacado na prisão e morreu a caminho do hospital. A pedidos do pai, o corpo foi cremado sem nenhuma cerimônia. No documentário “Confissões de um serial killer”³ (1994), Dahmer admite que “quando aconteceu pela primeira vez eu senti que tinha controle total da minha vida”.

Mais um exemplo real, e pouco mais distante de nosso tempo, Albert Hamilton Fish, nascido em Washington em 1870, o vovô que comia - literalmente - crianças. Fish exerceu seus planos macabros em 23 estados norte-americanos, fazendo pelo menos uma vítima por onde esteve, tanto meninos como meninas. Casoy escreve que “sua aparência o ajudava bastante, pois, grisalho desde jovem,

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZICLEfdFawk>>. Acesso em 20 abril 2016.

era sempre tomado por um senhor já de certa idade, incapaz de alguma maldade. Era o engano que todos cometiam” (CASOY, 2014, p. 173).

Ele cozinhava suas presas e as comia, parte por parte. Em suas palavras “Eu sempre tive desejo de infligir dor aos outros e que os outros infligissem dor em mim. Eu sempre pareci gostar de tudo que doía.” (CASOY, 2014, p. 173).

Quando mais jovem, ele e seus seis filhos foram abandonados pela esposa, período no qual sua situação psicológica piorou. Fish se sodomizava na frente dos filhos. Sua prática de maior prazer era enfiar agulhas entre a região escrotal e o ânus, de que, quando descrita em seu julgamento, os jurados e até mesmo o juiz duvidaram. Seu advogado resolveu colocar à prova e solicitou exame de raio-x da região pélvica: foram encontradas pelo menos 29 agulhas em seu corpo. Os comportamentos ‘maléficos’ de Fish são sempre associados ao abandono de sua mulher, que fugiu com outro (CARVALHO, 2008, [s.p]). Ao final de seu julgamento em 1934, Albert Fish foi considerado são e responsável por seus atos, e por ser sadomasoquista, adorou ter sido sentenciado à morte na cadeira elétrica. Ele foi eletrocutado na prisão de Sing Sing, Nova Iorque, em junho de 1936, sendo necessárias duas descargas elétricas para matá-lo, pois as 29 agulhas alojadas em seu corpo causaram um curto circuito na cadeira. A sua última frase foi sobre a cadeira “A emoção suprema, a única que nunca experimentei” (CASOY, 2014, p. 186).

3 A FICCIONALIZAÇÃO DO CANIBAL: O OGRO NA LITERATURA

Verificaremos as relações do mito do ogro com os contos de fadas e com mitos da cultura nórdica, suas aparições, suas características e suas diferentes faces e máscaras, para posteriormente classificar a nossa personagem de estudo como um ogro ou não.

3.1 O ogro na mitologia grega: o mito de Cronos

A relação entre mito e literatura é antiga. Ele é originado da memória coletiva e contado por um grande locutor anônimo, inscreve-se na tradição. Segundo Pierre Brunel, em seu livro *Dicionários e mitos literários*, para os irmãos Grimm, o mito é por certo a base da poesia mais antiga por sua forma de interpretar as coisas supersensíveis (BRUNEL, 1997, p. 193).

O mito do ogro está há muito presente na tradição oral, e é nessa que está a liberdade do locutor, ou seja, uma liberdade fiscalizada. Podemos dizer que esses mitos populares são próprios da tradição oral, enquanto os contos literários são próprios da cultura escrita. O mito é enraizado na oralidade, tem na sua base de comunicação na percepção auditiva da mensagem, enquanto o literário, enraizando-se na escrita, tem sua base de comunicação na percepção visual da mensagem. O sentimento que o mito traz é algo singular, ou seja, não poderia acontecer com outras pessoas ou em outro lugar. O final dele costuma ser algo trágico, e é pessimista.

Esse mito está ligado a divindades pagãs que evocam a morte. Seu aspecto de gigante lhe dá a origem sobrenatural. Ele traz à lembrança aqueles Titãs, filhos do Céu e da Terra, que nas origens do mundo se revoltam contra os deuses. Cada estória tem uma personagem ou herói em particular. O ogro canibalesco aparece como “herdeiro” desses gigantes insolentes.

A mitologia nos apresenta deuses e semideuses que violam os mais diferentes códigos morais e praticam ações consideradas hediondas, tal qual a antropofagia ou o canibalismo. O ogro é um ser mítico e, segundo a lenda, possui a particularidade de comer seres humanos. É por vezes um homem monstruoso que se alimenta de carne humana por prazer e crueldade.

Para os gregos, deuses são criaturas maravilhosas e que servem como padrões comportamentais a serem seguidos, acima de qualquer moral.

De acordo com a mitologia grega, de uma realeza divina, Cronos usurpou o trono de seu pai Urano, casou-se com a irmã Reia e governou durante a Idade Dourada da mitologia. Esse caráter sombrio e violento marca definitivamente o rei. O casal de soberanos teve seis filhos. Mas ele, Cronos, temia uma profecia segundo a qual seu poder seria tomado por um de seus filhos. De temperamento forte, o Titã devorou todos os seus filhos. Porém, a mãe conseguiu salvar um deles, Zeus, escondendo-o numa caverna da ilha de Creta. Para enganar seu marido, Reia deu-lhe uma pedra embrulhada num pano que ele comeu sem perceber.

Ao crescer, Zeus libertou os titãs e com a ajuda deles fez Cronos vomitar os irmãos. Zeus, com o apoio dos irmãos e dos titãs, expulsou Cronos do Olimpo e governou como o rei dos deuses gregos. Como tinha derrotado o pai Cronos, que simbolizava o tempo, Zeus tornou-se imortal, estendendo também este poder aos irmãos. Assim, surge uma nova ordem no mundo relegando ao esquecimento os deuses antigos.

Cronos comeu seus filhos não para saciar a sua fome, ou devido a rituais, mas sim por um ato desesperado de crueldade e de poder. Ele, devastado pelo medo de ter seu trono tomado por um de seus filhos, cometeu esse ato imoral contra sua própria família.

A Cronia, também chamada de festa de Cronos, mantém na tradição popular a lembrança do deus arcaico que reinou no céu e na terra, na abundância e na alegria; antes da era social e a hierarquia (BRUNEL, 1997, p. 201). Para finalizar, a imagem mítica de Cronos devorando seus filhos engendra uma primeira passagem de sentido; o ogro torna-se metáfora do pai criminoso que mata seus filhos para conservar todo o poder (BRUNEL, 1997, p. 760).

3.2 O ogro no conto de fadas

Em seu dicionário de mitos e lendas, Brunel fala que o ogro é um personagem do conto popular e também da tradição oral africana, aparecendo mais comumente na literatura destinada ao público infantil. Nos dias atuais, o romance contemporâneo dá ao mito do ogro um sentido mais moderno.

No ano de 1697, Charles Perrault apresenta pela primeira vez o termo em “O Pequeno Polegar”. Mais tarde, os irmãos Grimm apresentam outros desdobramentos do ogro, como a feiticeira, em “João e Maria” que, com seu olfato de animal, sente o cheiro de carne humana, desejando devorar as criancinhas. Jacob Grimm faz sua aproximação do ogro com o Orcus dos latinos:

Os pais, passando muita fome, são levados a largar os filhos na floresta. [...] João, para encontrar o caminho de volta, espalha pedregulhos brancos e depois migalhas de pão, mas essas são comidas pelos passarinhos. A feiticeira na casinha feita de pão e bolo que as crianças encontram é uma ogra. Seu olfato de animal faz com que sintam cheiro de carne humana. (BRUNEL, 1997, p.755).

Em alguns contos de fadas, frequentemente os ogros devoram também por vingança, como a esposa do rei em *Talia, Sol e Lua*. Outro avatar dessa criatura seria o lobo, ligado à fome e à floresta na estória da “Chapeuzinho Vermelho”.

Essa criatura tem uma natureza enigmática e Brunel tenta explicar o porquê. Seu faro aguçado, sua visão insuficiente, seus grandes dentes, seu apetite insaciável e o fato de devorar suas presas cruas fazem com que a sua natureza animal predomine. Ele é, então, um ser de natureza híbrida; tem parentesco com o minotauro, metade homem, metade touro que devora os atenienses, e também com a esfinge, parte mulher, parte leão e parte ave, que devora os jovens tebanos. Frank Lestringant, em *La Folie et le Corps*, levanta esse problema da ambiguidade quando cita “o homem-lobo que tem fome de carne humana é mais um monstro animal do que um ser humano canibal”[...]”Pelo seu crime incomensurável, o ogro passa dos limites de qualquer humanidade” (BRUNEL, 1997, p. 756).

Outra questão que o autor levanta é se o ogro seria um homem monstruoso que come carne humana por prazer, ou seria ele um homem selvagem deslocado da sociedade atual.

O dicionário de francês *Littré* dá sentido aos termos antropofagia e canibalismo, como sendo sinônimos. Entretanto, Jacques Geninasca em “Conte populaire et identité du cannibalisme” (2016) faz a distinção entre eles, sendo o primeiro a prática de comer carne humana, não levando em conta quem come. Já o segundo seria uma modalidade antropofágica, que tem por sujeito o homem; ou ainda uma prática alimentar de qualquer outro ser que se alimente de um membro da mesma espécie.

Como já vimos anteriormente, a Europa medieval sofreu grandes períodos de fome. Essa realidade não foi deixada de lado e o mito do ogro alude a essa terrível

mortandade em massa. “O pequeno Polegar” (Perrault) e “João e Maria” (Grimm) falam da defasagem dos pais em alimentarem e em criarem seus filhos nas épocas de escassez. O ato de comer crianças pequenas era uma realidade na Europa e no Egito nos períodos medievais (séc. XVI). Na estória de Perrault, o ogro tem fome de carne de crianças, por serem seres indefesos no mundo, remetendo ao canibalismo real. Esses são fatos que exemplificam a bestialidade da coisa; o mito permite falar sobre tal horror. Então, o mito do ogro fala sobre rapto.

Em novembro de 1933, Nadejda Mandelstam, escritora e educadora russa, em *Contra toda esperança*, cita um novo avatar do ogro: tirano-ditador moderno. Ou seja, a ascensão do stalinismo e do nazismo (vistos anteriormente, causaram terror e fome pela Europa branca). A imagem animalesca exprime essa hediondez do crime à humanidade. Sendo assim, como qualquer outro mito, ele fica entre forças antagônicas e, por causa desses sentidos contraditórios, não é uma figura estática, ou seja, é de fácil diversificação se passada adiante através da oralidade. As oposições vida/morte, amar/odiar também dão estrutura ao mito do ogro. Em “A Branca de Neve” de Grimm, a madrasta, mesmo com um ciúme mortal da enteada, quer comer seu fígado e seus pulmões. Ou seja, torna-se uma ogra amante da carne fresca que quer fazer suas as virtudes da juventude da moça.

Outros sentidos podem ser atribuídos ao canibalismo quando os pais matam e comem seus filhos, como no caso de Cronos. Ele possui dois entendimentos, o alimentar e o sexual. Ainda nesse sentido, pode ser um pai ou uma mãe muito protetora que oprime seu filho. No caso de Cronos, o deus deseja manter-se no poder, livrando-se da descendência.

Como exemplo no conto de fadas, podemos citar “A Bela adormecida no bosque” (Perrault), em que a avó é descendente dos papões e quer devorar seus netos e sua nora, por ser muito ciumenta e abusiva. Muitas tribos – inclusive as já citadas no capítulo 1 – praticam o canibalismo. Lévi Strauss (*Tristes tropiques*, 1955) também compara o canibal com o ogro.

Então, o mito do ogro tenta traduzir o horror, o medo e o fascínio dos homens diante de seres que constituem uma dúvida diante do homem. O ogro está entre a vida e a morte:

O ogro é, por conseguinte, um monstro de poderes sobrenaturais, um ser fantástico que percorre reinados e pertence a cada um deles, sem que se saiba direito se sua natureza é humana, animal ou divina (BRUNEL, 1997, p.195).

Os contos de fadas remontam a tempos antigos, vindos da tradição oral de diferentes culturas pelo mundo. Eram histórias contadas de pai para filho e, dessa maneira, acabaram perpetuando-se no imaginário coletivo. Eles só começaram a ser registrados a partir do século XVII, quando a criança começou a ser tratada como criança de fato; antes disso, ela era tratada como adulto, participando das conversas, trabalhos e inclusive lendo as mesmas coisas que os mais velhos. Os contos apresentam características distintas dos mitos, algumas delas que foram retiradas do livro *A psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia*, são: a suspensão da lógica comum, ou seja, um lugar fora do tempo e de lugares conhecidos. Outra característica é que eles são sempre resolutivos, de alguma forma ou de outra, a personagem principal tem uma espécie de final feliz. Esta próxima característica é de suma importância: as personagens são planas e unidimensionais, se uma personagem é má, ela vai continuar má até o final da estória. Praticamente ninguém possui nome próprio ou vida interior. Temos como exemplo a madrasta e a Branca de Neve; que os conflitos que elas passam são todos introduzidos do meio em que vivem. Por fim, o herói dos contos de fadas costuma ter ajudantes mágicos, que se apresentam e fazem-lhe favores, como em “Cinderela” (Perrault, 1697).

A História da Literatura registra que a primeira coletânea de contos infantis foi publicada no século XVII, na França, durante o reinado de Luís XIV. Estamos falando dos “Contos da Mamãe Gansa” (1697), livro no qual o poeta e advogado Charles Perrault reuniu oito estórias transcritas da memória do povo. “O Pequeno Polegar”, “O Barba Azul”, “Cinderela”, “A Bela Adormecida no bosque”, “Henrique do topete”, “O gato de botas”, “As Fadas” e “Chapeuzinho vermelho”, ganharam suas primeiras versões naquele ano (COELHO, 2008, p. 27).

Durante séculos, o mito do ogro passou por muitos desdobramentos e se fazendo presente em inúmeras personagens. A origem da palavra ogro está associada às trevas e ao mundo subterrâneo. Nos contos de fadas talvez tenha nascido de uma realidade terrível. O campo metafórico do canibalismo é muito mais extenso. A imagem mítica de Cronos devorando seus filhos produz uma primeira passagem de sentido: o ogro torna-se uma metáfora de pai criminoso que mata seus filhos para se conservar no poder, o que novamente nos leva aos contos de fadas, onde João e Maria, Pequeno Polegar e seus irmãos, são largados na floresta para

que os pais sobrevivam com a pouca comida de que dispunham. A criatura se disfarça para matar, para atrair suas vítimas mais indefesas até sua toca.

Esse ogro não necessariamente aparece nos contos de fadas como um ser que simplesmente quer devorar as crianças ou quem ele encontrar no seu caminho. “João e o pé de feijão” (1890) é uma narrativa que abre a possibilidade de falar sobre a herança paterna. Joseph Jakobs é responsável pela abordagem mais conhecida desse conto. João, toda vez que seu sustento terminava, subia novamente no pé de feijão, se escondia do ogro, e trazia para sua mãe mais um item valioso. Esse ogro tirânico é um pai que tudo tem e nada reparte, terminando com a figura idealizada do pai. Esse pai retratado na história é um modelo primitivo visto pela criança, ou seja, ele manda na casa, na mulher e nas crianças. Em *Fadas no Divã*, Diana e Mario Corso escrevem que João projeta no ogro seus próprios ímpetos e se apropria de seus atributos:

Boa parte das fantasias de antropofagia tem como fundo a ideia de ser parte do outro, ser incorporado ao corpo de alguém, afinal já habitamos o corpo da mãe em nossa pré história pessoal. Estar dentro, ser engolido ou engolir alguém, é também uma forma rudimentar de representação de identificação (CORSO, 2006, p.120).

A ameaça de ser devorado é o tema de “Chapeuzinho Vermelho”, assim como em “João e Maria”. Na primeira, a menina lida com possíveis seduções, e não somente isso, o lobo não é apenas o sedutor masculino, representa também as tendências animais dentro de nós. Já no segundo, os irmãos precisam lidar com as dificuldades e ansiedades da criança que é forçada a abandonar sua ligação dependente da mãe. Por fim, os irmãos queimam a bruxa com se realmente fosse algo para comer; e o lobo não faz nada do que não lhe é natural, devora para se alimentar.

O vermelho do gorro que a menina usa simboliza as emoções violentas, incluindo as sexuais. A sexualidade prematura é uma experiência regressiva, despertando tudo que ainda é primitivo dentro de nós e o que nos ameaça engolir (BETTELHEIM, 1980).

Em outros dois contos infantis, encontraremos mulheres como ogras. São eles “A Bela adormecida no bosque” e “A branca de neve”, ambas com versão de Perrault. Na primeira história, a sogra da jovem é uma descendente de uma linhagem de ogros, e deseja devorar os netos. Na segunda, a madrasta quer comer o fígado e os

pulmões de sua enteada. Nessas duas tramas, as rainhas más, sogra e madrasta, são supridas pelo medo de superação das mais novas:

A estória da “Branca de Neve” adverte sobre as consequências funestas do narcisismo tanto para os pais como para a criança. O narcisismo de Branca de Neve quase a destrói quando ela cede duas vezes às seduções da rainha que propõe torná-la mais bonita, e a rainha é destruída pelo próprio narcisismo (BETTELHEIM, 1980, p. 242).

A intenção da rainha má é comer os órgãos de Branca de Neve cozidos na salmoura. Em seus detalhes, o conto pode variar imensamente de cultura para cultura, mas possui o núcleo estável e facilmente identificável no conflito mãe e filha (TATAR, 2004, p. 84).

3.3 O ogro como vampiro: a obra de Bram Stoker

Os vampiros, conforme o *Dicionário de figuras e mitos literários da América*, de Zilá Bernd, têm vida longa e reaparecem constantemente. O seu mito pertence a um fundo de crenças ancestrais que data de antes da cristandade. A história dos vampiros tem origem na Europa central, onde as pessoas viviam em vilarejos e buscavam respostas para as doenças que se alastravam em determinadas famílias. Eles acreditavam que os vampiros eram criaturas que morriam e voltavam à terra para levar consigo pessoas próximas ou parentes. Os sintomas dos ataques vampíricos incluíam pesadelos, aparições e morte de algum membro da família por doença. Para os supersticiosos da Era Medieval, os vampiros eram tão reais quanto os exércitos marchando por suas aldeias. As mortes não naturais, como suicídio ou doenças não diagnosticadas, em geral eram consideradas consequência da mordida de um vampiro (MERSEY, 2005, p. 54). Ele é um cadáver reavivado que levanta do túmulo para pegar o sangue dos vivos e assim reter a aparência da vida. Essa descrição certamente se adapta a Drácula, o vampiro mais famoso (MELTON, 1995, p. XXXV), que discutiremos ao decorrer do capítulo.

O vampiro pré-literário de meados do século XVIII era um ser desprezível, com poucas chances de ser convidado para um evento social. Entretanto, pouco mais de cem anos depois, sua imagem mudou significativamente. Percorreu uma larga jornada com personagens ilustres da literatura dos séculos XVIII e XIX. Os românticos alemães foram os precursores do vampiro na literatura poética. Henrich

August Ossenfelder com “Der Vampir”, em 1748, é o primeiro a abordar o tema. Na poesia moderna, Johann Wolfgang Von Goethe, em 1797, publicou “A noiva de Corinto” que aborda a questão da sedução e o amor além da morte.

Em meados de 1816, Lord Byron, John William Polidori, Percy Bysshe Shelley, Mary Wollstonecraft Godwin e Calire Clairmont estavam à beira do lago Genebra, na Suíça, sitiados na Villa Diodati devido a uma tempestade, e a fim de passar o tempo, resolveram que cada um escreveria histórias sobre fantasmas. “The vampyre”, de Polidori, publicado em 1819, surgido a partir deste encontro, instituiu de vez o vampiro na prosa ficcional apresentando-o à sociedade. Em 1820, Charles Nodier dá sequência ao conto de Polidori e propicia que o mesmo seja interpretado nos palcos franceses. A febre vampírica espalhou-se pela Inglaterra, Nova York e Alemanha ainda em 1840 (LACOUTEX, 2005, p. 19, 20).

No contexto secular moderno, os vampiros às vezes emergem como uma espécie diferente de vida inteligente ou ainda como seres humanos normais que têm o hábito incomum de beber sangue (MELTON, 1995, p. XXXV).

O personagem de *Drácula* de Bram Stoker (1897) foi inspirado em Vlad, o Empalador [SUPERINTERESSANTE, 2015, [s.p)]⁴. Ele surge na história e é uma metáfora que faz dele um vampiro cuja eternidade se nutre do sangue e não da carne de suas vítimas. Além de o conde Drácula ter sido inspirado em Vlad, ele também é uma figura composta com a condessa Bathori [SUPERINTERESSANTE, 2012, [s.p)]⁵. A condessa foi presa em 1610 por assassinar meninas e banhar-se no sangue delas, na esperança de manter a pele jovem. Fez centenas de vítimas. (MERSEY, 2005, p. 54). Stoker optou pela figura vaga e contraditória do vampiro que tinha emergido da literatura do século 19 e de épocas anteriores, desenvolvendo uma personagem forte, fascinante e satisfatória cuja vida vampírica assumiu um status mítico na cultura popular (MELTON, 1995, p. 201).

⁴ Vlad III Dracul era um conde, vivia em Bucareste na Romênia e defendeu seu território do Império Otomano no século XV. Ele era cruel, e sua prática favorita era o empalamento, ou seja, pegava uma estaca de madeira de mais ou menos três metros, introduzia na posição vertical no ânus do inimigo e o assistia deslizar lentamente estaca a baixo até a morte por horas. Ou dias. Disponível em: <<<http://www.superinteressante.pt/>>>. Acesso em: 26 maio 2016.

⁵ O seu verdadeiro nome era Erzsébet (Isabel, em português) Báthory, mas ficou conhecida como “condessa sangrenta” pela inclinação para sequestrar e torturar raparigas das redondezas, cujo sangue bebia para conservar a eterna juventude. Disponível em <<<http://www.superinteressante.pt/>>>. Acesso em: 2 maio 2016.

A narrativa gira em torno de um conde da Transilvânia, muito idoso, cuja vida é prolongada por seu vampirismo. O conde é descrito por Jonathan Harker, advogado contratado para assessorá-lo:

Seu rosto era forte, muito forte, nariz aquilino e fino, narinas peculiarmente arqueadas: testa alta e cabelo escasso em volta das têmporas, mas profuso no resto da cabeça... A boca, até onde dava para ver debaixo do grande bigode, era dura e tinha um ar cruel, com dentes brancos estranhamente pontudos (STOKER, 1985, p. 23).

As religiões sanguinárias que praticam sacrifícios humanos também nos trazem a imagem de um ogro (BRUNEL, 1997, p. 762). A humanidade tem praticado os cultos de sangue para se comunicar com os espíritos na natureza. Muitos rituais manipulam sangue para expressar desejos de imortalidade e eterna juventude. As criaturas que chupam sangue podem ser encontradas nos contos populares de diferentes culturas (MERSEY, 2005, p. 50).

O personagem de Drácula de Stoker surge na história e é uma metáfora que faz dele um vampiro cuja eternidade se nutre do sangue e não da carne de suas vítimas, como acontece com o ogro (BRUNEL, 1997, p.762).

O vampiro vive sem que o tempo o leve pouco a pouco à morte: ele prospera tanto tempo quanto possa nutrir-se do sangue dos vivos; podemos constatar que ele rejuvenesce e se torna mais forte e parece refazer-se quando encontra seu alimento preferido em quantidade suficiente (STOKER, 1985, p 339).

O vampirismo real consiste na necessidade de o indivíduo sugar sangue, tanto o próprio quanto o de outras pessoas, o que pode ser definido como obsessão. Quando ocorre durante o ato sexual, esta condição pode ser considerada uma forma de sadismo. O desejo pelo sangue surge, normalmente, pela ideia de que este fluído corporal é capaz de transmitir poderes que melhoram a vida (LACOUTEUX, 2005). O canibalismo ainda é uma prática comum em rituais satânicos ou em algumas religiões pagãs, onde um indivíduo deve servir de sacrifício em homenagem a um deus ou uma entidade. Os membros dessas seitas, religiões ou cultos acreditam que ingerindo a carne humana conseguirão revigorar as suas forças e energias espirituais, já que também estão "comendo" a alma do sacrificado. Na Idade Média, o consumo de carne humana estava relacionado a tratamentos medicinais para problemas como dores de cabeça, feridas profundas, artrite e reumatismo. O sangue

humano era consumido, também como tratamento para epilepsia (MELTON, 1995, XXXVI).

De acordo com a psicanálise freudiana, as narrativas de vampiro expressam de forma complexa o fascínio igualmente natural e estranho que os vivos têm pela morte. Do ponto de vista de Freud, “todas as experiências humanas de medo mórbido significam a presença de desejos sexuais e agressivos reprimidos, e no vampirismo esses desejos reprimidos se tornam plenamente visíveis” (MELTON, 1995, p. 592-593).

4 HANNIBAL LECTER: O OGRO CONTEMPORÂNEO

Buscamos a história do canibalismo e suas vertentes para chegarmos ao mito do ogro, que indiretamente é uma face desse ato de origem vil. Para chegarmos e unirmos conceitos com narrativas atuais, escolhemos trabalhar com a personagem intrigante do autor Thomas Harris, Hannibal Lecter, que aparentemente possui algumas das características do ogro. Sendo assim, nossa intenção é relacioná-la por completo com o mito do ogro e com o ogro literário.

4.1 A obra: resumo e repercussão da obra

Para nosso trabalho não usaremos somente o livro *Hannibal, a origem do mal* como inicialmente planejamos. Aqui faremos um breve resumo das quatro obras que iremos utilizar, sendo elas *Dragão vermelho*, *O silêncio dos inocentes*, *Hannibal* e *Hannibal, a origem do mal*. Hannibal Lecter passa a ser protagonista somente no segundo livro da sequência, momento no qual o FBI irá precisar de sua ajuda como psiquiatra entendedor do comportamento humano.

Dragão Vermelho é o primeiro livro da quadrilogia, sua primeira edição data de outubro de 1981. Conta a história de Will Graham, um detetive afastado do FBI. Seu último caso envolveu o Dr. Hannibal, o qual quase lhe tirou a vida. Depois desse acontecimento, Graham nem quer ouvir falar em voltar a exercer essa função. Ele tenta reconstruir a sua vida ao lado da sua nova família, convivendo com a cicatriz daquele traumático dia, que muda a sua vida para sempre. Porém, um novo assassino surge e o FBI precisa mais do que nunca da ajuda do detetive. Will possui certo “dom”, ele consegue se transportar para a cena do crime e sentir o que leva o assassino a cometer esses atos.

O *serial killer* em questão, apelidado de “Fada do dente”, é Francis Dolarhyde, um homem com um passado cheio de traumas, de uma infância sofrida, de maus tratos e com algumas deformidades no rosto. Francis é obcecado pelo quadro do poeta e pintor Willian Blake “O Grande Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol”. Esse quadro controla a sua vida, influenciando-o em seus assassinatos, sendo até mesmo venerado como um deus na vida do *serial killer*. Francis age de forma meticulosa, não deixando muitos rastros e sendo um verdadeiro enigma para o FBI. Esse assassino mata de forma cruel duas famílias, deixando uma única pista:

mordidas em suas vítimas. Para poder capturar esse *serial killer*, o agente especial Jack Crawford pede ajuda a Will para participar desse caso. O detetive volta a sua profissão, mesmo contra a sua vontade. Só que agora, Will necessita entender o que se passa na mente doentia desse assassino e mais uma vez precisará da ajuda de Hannibal.

Dr. Lecter está preso há três anos pelo assassinato de ao menos nove pessoas, entretanto somente ele é capaz de identificar um criminoso quase tão hábil quanto ele:

O Dr. Lecter está confinado por toda a vida. Se for declarado equilibrado, deverá responder nove vezes a julgamento por assassinato de primeiro grau. (HARRIS, 2015a, p. 28).

O próprio Dolahryde admite que somente Lecter poderia compreendê-lo. “Na cabeça de Dolahryde, Lecter deveria ser um retrato sombrio de um príncipe da Renascença. Pois Lecter, único entre todos, deveria ter a sensibilidade e experiência para compreender a glória, a majestade da Formação de Dolahryde” (HARRIS, 2015, p. 112). Finalmente, depois de decifrar os códigos de ajuda de Lecter, Graham e Crawford conseguem localizar o assassino, que por fim acaba morto, não tendo o mesmo destino que seu ídolo Hannibal, o canibal.

A primeira adaptação para o cinema foi feita em 1986, intitulado de “Man Hunter” (Caçador de assassinos). É um filme de suspense, produzido nos Estados Unidos por Dino De Laurentis, escrito e dirigido por Michael Mann. O filme também foi lançado com o título *Dragão Vermelho* em VHS no Brasil. Este filme pela primeira vez apresentou ao mundo a figura do médico canibal, Dr. Hannibal Lecter, o qual nessa adaptação é chamado de *Lecktor*, e interpretado pelo ator escocês Brian Cox. É apenas um personagem secundário aparecendo em duas cenas. O filme é considerado um dos melhores filmes de suspense dos anos 1980, e lançou a carreira do cineasta Michael Mann, que já era famoso na TV por ter criado a célebre série *Miami Vice*.

Houve ainda uma refilmagem em 2002 com o título de *Dragão Vermelho*, dirigida por Brett Ratner, desta vez com a presença de Anthony Hopkins no papel de Hannibal Lecter⁶.

⁶ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0289765/?ref_=fn_al_tt_1>. Acesso em 25 maio 2016.

Em seguida, o segundo livro lançado por Harris é *O silêncio dos inocentes* em 1988, o qual narra a difícil tarefa de Clarice Starling, agente do FBI, de encontrar um assassino em série, chamado de Buffalo Bill, que matou pelo menos cinco mulheres em diferentes localidades dos Estados Unidos. Starling, novata no departamento de Ciência do Comportamento, precisa não somente da ajuda de toda a equipe, mas também de Hannibal Lecter para encontrar mais um criminoso insano. Jack Crawford designa a tarefa de ir ao manicômio onde Lecter está confinado, pois acredita em sua capacidade de persuasão.

O diretor do FBI e Starling demoram certo tempo para conseguirem juntar todas as pistas dadas por Hannibal, o que deixa Buffalo Bill livre para sequestrar outra mulher. Dessa vez a vítima é a filha de uma senadora, Ruth Martin e, com isso, todo o aparato policial é mobilizado para sua captura. O sequestrador é uma transexual que, insatisfeita com sua forma física, planeja construir para si uma segunda pele feminina, servindo-se das peles de suas vítimas.

Seguindo as pistas do psiquiatra-canibal, Clarice passa a concentrar suas investigações na primeira vítima do *serial killer*: aquela que despertara sua cobiça deveria viver próximo a ele. Com isso, ela descobre a residência atual de um ex-zinho dessa vítima e, já indo embora, vê uma mariposa exótica voando no interior da residência, indicando ser aquele o verdadeiro homicida. Tem início uma das sequências mais tensas da narrativa, que ocorre na escuridão dos porões da casa do assassino, onde Starling sozinha baleia Buffalo Bill. Hannibal consegue engendrar uma espetacular fuga e uma vez que Lecter está livre, nas ruas do Haiti, indo atrás do Dr. Chilton, o diretor do seu antigo sanatório, a narrativa termina.

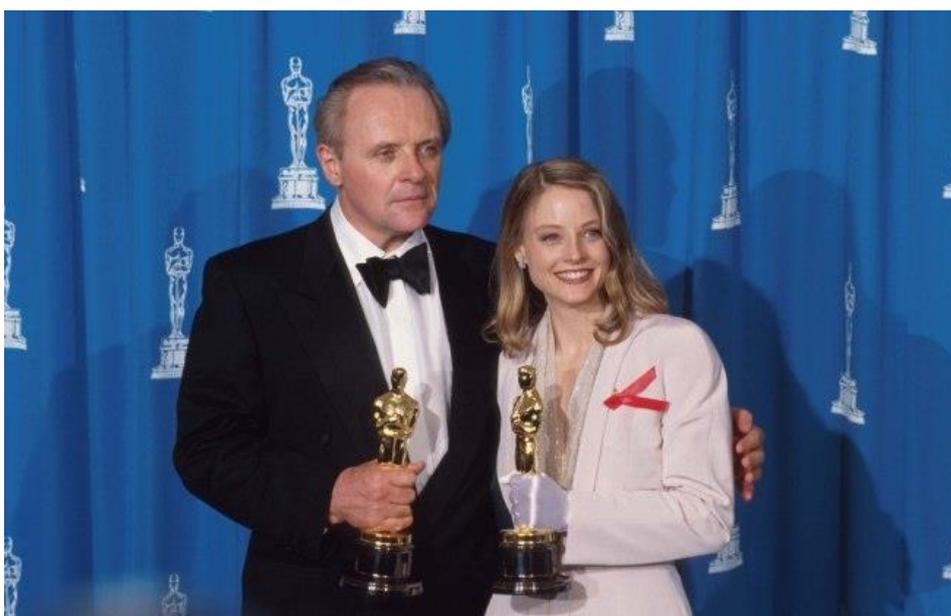
O site *O aprendiz verde*, diz que Thomas Harris é um escritor que não costuma dar entrevistas ou falar das personagens criadas por ele, preferindo que seu trabalho fale por si. Buffalo Bill sim foi inspirado em um assassino em série que aterrorizou os EUA na década de 70. Era conhecido com Ted Bundy, que estuprava e matava jovens. Em 1989 ele foi executado na cadeira elétrica na Flórida.

O livro se tornou um *bestseller* em todo o ocidente, e em 2015 completava 25 anos de sucesso. Nas telas do cinema, a adaptação veio em maio de 1991 dirigido por Jonatham Demme. Anthony Hopkins interpretou o Dr. Lecter com a grandeza e excelência pela qual o papel exigia. Jodie Foster como Clarice Starling também não deixou a desejar.



Dr. Hannibal Lecter e Clarice Starling em um de seus encontros.

Em 1992, foi o filme do ano, a academia de cinema consagrou Hopkins como melhor ator e Foster como melhor atriz. O filme recebeu ainda Oscar de melhor roteiro adaptado, melhor filme e melhor diretor.



Anthony Hopkins e Jodie Foster no Oscar de 1992.

Seguindo a ordem de publicação, o próximo livro é *Hannibal* que teve sua primeira tiragem em 1999. É a continuação de *O silêncio dos inocentes*. Nele Lecter ainda está foragido e não há rastros que podem levar o FBI até o canibal. Após o banho de sangue que Hannibal causou ao fugir do presídio, ele consegue fugir primeiro para o Brasil, onde obtém bons documentos falsos e depois para a Itália, onde, com nova identidade e novo rosto, tenta começar uma vida nova, sendo o curador de um Museu.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, o FBI não desistiu de prendê-lo, usando a agora Agente Clarice Starling, que já tem um bom conhecimento sobre o caso e está em maus lençóis depois de uma operação policial mal executada. Mas o maior problema de Hannibal não é a polícia! Acontece que uma de suas primeiras vítimas, o rico e inescrupuloso Mason Verger, que foi completamente desfigurado pelo Dr. Lecter, só pensa em vingança. Além de um parafuso a menos, ele sempre está um passo à frente do FBI e sabe que seu objetivo está mais próximo que nunca de se realizar, com uma vingança, que pode ser considerada no mínimo surpreendente.

O filme *Hannibal* foi adaptado ao cinema em 2001 e não obteve o mesmo sucesso de seu antecessor. Juliane Moore deu vida ao papel de Clarice Starling, o ilustre Anthony Hopkins ao Dr. Lecter e Gary Oldman como Mason Verger. Foi dirigido por Ridley Scott. Jodie Foster não participou das filmagens. O filme, entretanto, termina de maneira diferente do livro.

Por fim, a última narrativa de Thomas Harris envolvendo nossa personagem em destaque chama-se *Hannibal, a origem do mal*, com data de publicação 5 de dezembro de 2005. Nesse livro, conhecemos a família Lecter no período da Segunda Guerra Mundial. Hannibal tem oito anos de idade e é impelido contra os horrores que a guerra pôde proporcionar. De forma brutal, ele assiste à morte dos pais e em seguida o declínio do seu império. Não bastasse isso, um grupo de combatentes, induzido pelo desespero da luta pela sobrevivência, resolve comer Hannibal e sua irmã, Mischa. O garoto sobrevive, mas não consegue impedir que sua irmã seja devorada. Em tese, é esse o trauma que leva Hannibal a se tornar o que é e o motiva a seguir a carreira de psiquiatra.



O pequeno Hannibal e sua irmã Mischa. *Hannibal, a origem do mal*.

Hannibal cresce em ambientes hostis, mas por vezes amparado por sentimentos sempre confusos por parte daqueles que o cercam. Seu maior apoio vem da esposa do seu tio, Lady Murasaki, uma japonesa, que apresenta o requinte e a utilidade da cultura japonesa a Hannibal. O sentimento de vingança cresce dentro do garoto e aos poucos vemos surgir o monstro tão cheio de classe que a maioria já conhece. Logo o personagem já está com 18 anos e na escola de Medicina. Um aluno exemplar, metódico, disciplinado, frio e assassino que percorre a Europa para matar os assassinos de sua irmã e consegue. Saindo impune e acobertado pela tia, Hannibal aceita uma bolsa de estudos em Boston, Eua.

Mais uma vez Thomas Harris tem um de seus livros adaptado ao cinema, esse em 2007 sob direção de Peter Webber com título original *Hannibal Rising*. Gaspard Ulliel interpreta o jovem Lecter e Dominic West o inspetor Popil. A canção cantada pelos nazistas na hora em que buscam Misha é "Ein Männ leinstehtim Walde", música tradicional na Alemanha. Nota-se que a música também aparece na hora em que Hannibal decepa um homem contra uma árvore e no final do filme.

Recentemente Hannibal virou série de tv com o mesmo nome, e teve três temporadas transmitidas pela rede NBC norte-americana. Ela se baseia na "amizade" que o inspetor do FBI Will Graham e Lecter tem em *Dragão vermelho*. Mads Mikkelsen interpreta Hannibal e Hugh Dancy ao Graham. Em setembro de 2015, a série foi cancelada, devido ao sucesso inatingível.

4.2 Estudo da personagem Hannibal Lecter

Hannibal é popularmente conhecido por ser uma personagem de duas faces: de um lado é um psiquiatra, médico e cirurgião enigmático, e por outro um assassino canibal. Lecter é inteligente, metucioso, persuasivo, que planeja todas as suas ações e assassinatos tendo em vista a satisfação de suas duas únicas necessidades: fome e vingança. Um ser dissidente, perverso e implacável que caça pelo deleite sanguinário de consumir (HISTÓRIA DO MUNDO, 2012 [s.p]).

Sendo assim, suas tendências canibais o fazem se alimentar da carne humana por simples satisfação, e não para adquirir as qualidades das vítimas, como em outras tribos praticantes do canibalismo. Na literatura contemporânea o fascínio pelo vil persiste. Thomas Harris trouxe a questão polêmica em torno do canibalismo em seu primeiro livro da série, *Dragão vermelho*, obra na qual os leitores já tomam conhecimento sobre Hannibal Lecter. Neste romance, pela primeira vez Hannibal é citado como um monstro, mais especificamente no seguinte momento:

[...] – Sei que já viu esse tipo de coisa antes. Não gostou no outro dia quando lhe perguntei sobre Lecter, mas preciso falar-lhe a respeito.
 - Então fale.
 - Ele matou nove pessoas ao todo, não foi?
 - Ao que sabemos. Duas outras não morreram.
 - O que aconteceu com elas?
 - Uma está com um pulmão de aço em Baltimore. A outra, numa casa de saúde para doentes mentais em Denver.
 - O que o fez agir assim? Qual o seu grau de insanidade?
 Graham olhou os transeuntes pela janela do carro. Sua voz tornou-se pausada, como se estivesse ditando uma carta.
 - Fez porque gostava. Ainda gosta. O Dr. Lecter não é louco, não da forma como consideramos alguém louco. Fez coisas horrendas porque gostava de fazê-las. Mas pode agir normalmente quando quer.
 - Como os psicólogos chamam isso... o que há de errado com ele?
 - Dizem que ele é um sociopata, porque não há outra maneira de defini-lo. Ele possui algumas características do que se chama sociopatia. Não sente o menor remorso ou culpa. E ele revela o primeiro e pior sinal...sadismo que vai de animais a crianças (HARRIS, 2015a, p. 69.)

Em *Hannibal, a origem do mal*, conhecemos a história da personagem Hannibal Lecter, lituano e descendente direto da linhagem dos Visconti, uma antiga família italiana que possuía a alcunha de “Dragão Antropófago”, indicando assim que as tendências canibalescas de Hannibal são uma herança familiar.

Na infância até a adolescência, Hannibal presenciou de perto sua família ser vitimada por invasões alemãs durante a II Guerra Mundial. A família de Hannibal

acabou se tornando vítima dos *hiwis* (grupos de lituanos traidores que ajudavam os nazistas) e sobreviveu nos bosques durante os terríveis três anos e meio da campanha oriental de Hitler. No livro escolhido, os hiwis se instalaram na casa de campo da família Lecter, onde eles impiedosamente planejaram a morte de Mischa, irmã de Hannibal, que testemunhou a menina ser devorada viva. O primeiro momento em que o canibalismo é citado no livro se encontra no capítulo quatro:

A comida acabou dias antes de o céu clarear. A tosse pareceu mais alta na tarde brilhante depois que o vento diminuiu. Grutas e Milko saíram em raquetes na neve. Após um sonho febril, Hannibal os ouviu retornar. Uma discussão e rixa em altos brados. Pelas barras do corrimão, viu Grutas lambendo uma pele de pássaro sangrenta, lançando-a depois para os outros, que caíram sobre ela como cachorros. O rosto de Grutas estava coberto de sangue e penas. Ele voltou o rosto sangrento para as crianças e disse: - “Ou comemos ou morremos.” Essa foi a última lembrança consciente que Hannibal Lecter teve do pavilhão de caça. (HARRIS, 2015c, p. 39).

Assim, o menino se tornou o único sobrevivente da devastação dos Lecter. Quando a guerra terminou, o castelo no qual Hannibal morava foi transformado em orfanato, que se tornou sua nova casa pelos anos seguintes. Lá, ele viveu uma vida monótona e melancólica. Por vezes, ele ficava se martirizando devido às ameaças de bullying e violência que recebia constantemente (inclusive foi abusado por um monitor).

Ao deparar-se totalmente perdido e isolado de qualquer laço de afetividade, Hannibal acaba indo morar com seu tio na França, onde mais tarde se tornaria aluno do curso de medicina, e anos mais tarde PhD em Psiquiatria pela Universidade Johns Hopkins, nos EUA. Durante o tempo que o jovem Lecter viveu na França, procurou por vingança. Ele projetou, arquitetou vingança contra aqueles que devoraram sua irmã, encontrando sua primeira vítima na própria Lituânia. “Hannibal olhou para o pavilhão, e o pavilhão olhou de volta. Todas as vidraças estavam quebradas. As janelas escuras o fitavam como as órbitas do crânio do gibão” (HARRIS, 2015c, p. 171). Lecter, juntamente com sua sede de vingança cometeu seu primeiro ato canibal, devorando as bochechas de *Herr* Dortlich, cortadas com precisão, deixando à mostra os dentes do ex-militar. Os patrulheiros ainda encontraram uma fogueira e um espeto: “Um brochete, de bochechas com cogumelos” disse o Sargento Svenka (HARRIS, 2015c, p.180).

Lecter não tem piedade de suas vítimas, ele as devora por prazer e por satisfação; a maioria dos assassinos em série guardam troféus das suas vítimas, seja uma mecha de cabelo ou até mesmo fotos, após o homicídio. Ele não. Ele as comia (HARRIS, 2014). O Dr. Lecter apresenta características de um assassino em série canibal, que segundo Ilana Casoy (2014, p. 24), eles não se enquadram em nenhuma linha de pensamento específica, e sim é um estudo à parte do crime. A vítima na maioria dos casos representa um símbolo. Sendo assim, o assassino não procura gratificação pelo crime, apenas exercita seu poder e controle sobre outra pessoa. Nos livros de Harris, Hannibal é descrito como um sociopata:

[...] - Você o analisou, hem? Nós tentamos estudar Lecter. Pensamos: “Aí está a oportunidade de realizar um estudo que fará história” – é tão raro conseguir um exemplar vivo.

- Um o que?

- Um verdadeiro sociopata, o que obviamente ele é (HARRIS, 2014, p.19).

Entretanto estudos mais recentes à primeira publicação dos livros de Harris, diferenciaram sociopata de psicopata. A quinta edição do *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5)*, divulgado pela Associação Americana de Psiquiatria em 2013, relaciona tanto sociopatia e psicopatia sob o título de Transtornos da Personalidade Antissocial (TPAS); o sociopata não consegue viver na sociedade, tem ataques de pânico e os assassinatos causados por ele acontecem ao acaso. Ele não consegue manter um emprego fixo por muito tempo. Já o psicopata consegue ter relações interpessoais, mesmo que falsas, um emprego estável e também manipulam as pessoas com muita facilidade (PSICONLINEWS, 2014, [s.p]). Caracterizamos assim nossa personagem de estudos um assassino em série psicopata, pois ainda no mesmo diálogo Dr. Chilton caracteriza um psicopata na sua fala “Mas o homem é impenetrável, sofisticado em excesso para os testes convencionais” (HARRIS, 2014, p. 19). Hannibal Lecter também manteve seu emprego por muitos anos antes de ser preso e encarcerado.

[...] - O Dr. Lecter clinicou durante anos antes de o pegarmos pelos assassinatos que cometeu – disse Crawford. – Ele fez muitas avaliações psiquiátricas para as cortes de Maryland e da Virgínia e para algumas outras ao longo da Costa Leste, aqui e ali (HARRIS, 2014, p. 142).

Trouxemos ainda em nosso trabalho uma descrição e pequena análise do que é um vampiro e de onde ele se origina. Nosso intuito não é caracterizar Lecter como

um, mas sim utilizar alguns traços vampíricos para comparar com a nossa personagem de estudo. Os vampiros são seres sedutores e enigmáticos, atraindo assim suas vítimas com sua cordialidade (MELTON, 1995). O Dr. Hannibal Lecter não é diferente, tanto que suas vítimas eram pessoas que depositaram sua confiança no doutor. Lecter conhece as pessoas com apenas um “olhar escrutínio, extremamente inquietante e intrusivo. É como um zumbido insistente que invade nossos pensamentos quando tiramos um raio-x” (HARRIS, 2015a, p. 11). E ainda em *Dragão vermelho* a afirmação “sofisticado demais para os testes registrarem alguma coisa” (HARRIS, 2015a, p. 77).

Hannibal ficará em confinamento perpétuo, se declarado equilibrado responderá a 9 julgamentos de assassinato de primeiro grau (HARRIS, 2015a). Por fim, assim como um vampiro se alimenta de sangue pela sua necessidade de absorver nutrientes, Lecter “compreende que sangue e respiração não passavam de elementos destinados a transformarem-se em estímulo para sua radiância” (HARRIS, 2015a, p. 112). Nosso doutor psiquiatra não queria absorver nutrientes ou adquirir forças de suas vítimas. Ele as comia por prazer.

4.3 Hannibal como o ogro contemporâneo

Como já vimos nos capítulos anteriores, o ogro é uma criatura proveniente de diversas culturas, principalmente do norte da Europa. Ele apresenta um comportamento brutal, sendo esse de devorar seres humanos e se deliciar com sua carne. Existem muitos desdobramentos para esse monstro, a feiticeira em “João e Maria”, o lobo em “Chapeuzinho vermelho” e também podemos citar a madrasta em “Branca de neve”. O ogro, com seu olfato de animal faz com que ele sinta o cheiro de carne humana (BRUNEL, 1997, p. 755) e que seus instintos canibalescos aflorem. Hannibal Lecter tem um olfato muito aguçado, em *O silêncio dos inocentes* consegue sentir o perfume de Clarice Starling mesmo estando do outro lado de sua cela.

Lecter tem uma história marcada pelo trauma de infância, seus pais foram mortos durante a Segunda Guerra Mundial e sua irmã foi morta por um grupo de defensores do exército vermelho, tendo também servido de refeição para eles. Sua infância conturbada leva-o posteriormente a adquirir o título de doutor de psiquiatria na universidade John Hopkins em Baltimore. Entretanto, nada disso o impede de

matar com bastante violência e praticar o canibalismo. Uma de suas primeiras vítimas era seu paciente, Mason Verger. Assim como o ogro, o Dr. Hannibal Lecter pratica o canibalismo costumeiro, ou seja, aprendido em seu passado através de alguém próximo (SIMON, 2009, p. 38). É uma personagem curiosa, ele pode ser patologicamente diagnosticado como um psicopata. Sua relação com Clarice Starling parece ser cheia de afeto, mas para ele, ela nada mais é que um objeto de diversão, a atenção que lhe é dedicada nada mais é do que um ato de existencialismo. Podemos constatar que sua genialidade perversa está enraizada na sua infância:

[...] - Para ser franco, ele é completamente obscuro para mim. Examinei-o, e fisicamente ele está bem. Encontrei cicatrizes no seu couro cabeludo, mas nenhuma evidência de fratura depressível. Mas eu imaginaria que os hemisférios do seu cérebro podem estar atuando de modo independente, como acontece em alguns casos de traumatismo craniano em que a comunicação entre os hemisférios fica comprometida. Ele segue vários rumos de raciocínio ao mesmo tempo. Sem distração de nenhum, e um dos rumos é sempre para o seu próprio divertimento (HARRIS, 2014, p. 69-70).

No quarto livro da série podemos entender quando e como começa sua obsessão por carne humana. O pequeno Hannibal presencia a morte da irmã, e internamente sabe que ela virou jantar de todos, e é esse fato que transforma sua personalidade. Lecter viveu seus primeiros anos de vida na Lituânia em meio à ascensão de Hitler, logo, incluso em períodos de fome e penúria. O mito do ogro alude a essa terrível realidade. Essa aproximação do mito do ogro com atos reais de canibalismo explicaria porque a carne fresca cobiçada é a da criança, vítima indefesa (BRUNEL, 1997, p. 757).

Assim como no caso do ogro, não somos capazes de identificá-lo à primeira vista, com Hannibal acontece o mesmo. Sempre muito compenetrado em seus estudos e afazeres, Lecter foi muito sutil na execução de suas vítimas, ora, já havia matado nove pessoas antes de ser pego. Em “A bela adormecida no bosque” não suspeitamos primeiramente que a mãe do príncipe é a vilã que quer devorar os netos e a nora. Já no livro *O silêncio dos inocentes*, Jack Crawford, agente do FBI ressalta:

[...] eu estou até o pescoço de avaliações considerando o dr. Lecter como um paciente “inacessível”, e todas elas diferentes. [...] Tenha muito cuidado com Hannibal Lecter. O dr Chilton, chefe do manicômio irá recapitular com você todo o procedimento físico que se deve adotar na presença de Lecter.

Não se descuide. Não se descuide um só instante, seja qual for a razão (HARRIS, 2015c, p.14-15).

Até agora definimos Lecter sendo um canibal psicopata, um médico psiquiatra brilhante, uma criança traumatizada por seu passado. Por fim então agregaremos a definição de OGRO ao doutor Hannibal Lecter. Um monstro, como já incrustado em pelo menos três dos livros da série o fazem. “– Como você o definiria? Graham hesitou. – Ele é um monstro” (HARRIS, 2015a, p.69). “O garotinho Hannibal morreu em 1945 lá na neve, tentando salvar sua irmã. Seu coração morreu com Mischa. O que ele é agora? Ainda não existe uma palavra para isto. Por falta de uma palavra melhor, o chamaremos de monstro” (HARRIS, 2014, p. 223). “– E o que ele é? Você sabe? – Sei que é um monstro. Mais que isso, ninguém pode dizer com certeza. Talvez você descubra, Starling” (HARRIS, 2015c, p.15).

Com essas passagens retiradas dos livros, não nos restam dúvidas de que Hannibal Lecter é o ogro da literatura contemporânea. Um sujeito que, além de não sentir empatia pelo próximo, não está comendo carne humana porque não existem outras opções, mas sim porque isso o satisfaz. Hannibal é inteligente e articuloso, sabe como esconder suas atitudes grotescas por trás de uma mente brilhante. Dr. Lecter é um verdadeiro camaleão, como o ogro de *Um feitiço para Chameleon*, do escritor inglês Anthony Piers onde o ogro é um animal muito forte e inteligente que vive na Terra do Xanth e se comunica através de rimas (OQUEE, [s.a], [s.p]). Aqui, Hannibal se comunica por análises de personalidade, dicas, avaliações de personalidade e, é claro, linguagem corporal. Os canibais como loucos e criminosos não aparecem, desta forma, separados da história de suas vidas, que serão usadas como justificativa para explicar o seu comportamento. Isso porque este comportamento representa aquilo que deve ser contido, condenado, reprimido (CARVALHO, 2008, [s.p]).

5 CONCLUSÃO

Há referências e práticas do canibalismo nas mais diversas épocas e sociedades. Desde a pré-história até os dias atuais as pessoas sabem que existem. O que geralmente não se sabe é a proporção que tomaram e têm tomado na sociedade, sendo eles canibalismo real ou metafórico. Através da nossa pesquisa fomos capazes de fazer uma trajetória linear sobre o canibalismo e como ele se alastrou nas diferentes partes do mundo, por causa de guerras, rituais e até mesmo como assassinatos de primeiro grau.

O canibalismo relacionado ao crime e à loucura é aquele em que ele aparece como um elemento a mais dentro de uma situação arbitrária. Sendo assim, quando relacionado aos rituais podemos chamar de antropofagia, e canibalismo quando acontece para saciar os desejos e vontades, ou seja, é um ato de crueldade (CARVALHO, 2008, [s.p]).

Ainda pudemos comparar o ato de comer carne humana, e suas vertentes, com a ideia de comer o outro que está camuflada nos contos de fadas. Utilizamos preferencialmente o livro *Devorando o vizinho*, uma história do canibalismo, organizado por Daniel Diehl e Mark P. Donnelly, como embasamento teórico de nosso trabalho. Inserimos como parte do canibalismo, o vampirismo, que se tornou popular com a história de Bram Stoker, *Drácula*. O vampiro é uma criatura que se alimenta do sangue de suas vítimas para adquirir seus nutrientes e para engrandecer sua alma. Fizemos uso de quatro livros principais para nossa pesquisa, sendo os mais utilizados *O livro dos vampiros*, enciclopédia dos mortos vivos e *História dos vampiros*, autópsia de um mito.

Para finalizar a pesquisa em torno do canibal, buscamos esse ser nos contos e nos mitos literários. Sem que percebamos, muitas de nossas personagens favoritas estão relacionadas a crimes de ódio e vingança, esses que incluem o ato de comer carne humana ou de seu igual. Deparamo-nos então com o mito do ogro.

O ogro é uma personagem que a primeira vista parece ser inusitada, entretanto está enraizada na literatura de maneira que suas aparições foram sendo adaptadas ao longo dos séculos, seja ele uma madrasta, uma bruxa ou tenha forma de ciclope como em *A Odisseia*. É um ser de caráter maligno, porém é sempre lembrada nas rodas de contação de histórias, nos filmes (novos modelos de ogro como Sherek da *DreamWorks*) e até mesmo nos romances contemporâneos. “A imagem animalesca

de devoração exprime a hediondez do crime contra a humanidade” (BRUNEL, 1997, p. 761).

O escritor norte-americano, conhecido por suas tramas de suspense, Thomas Harris conseguiu em suas narrativas transmitir o horror para leitores e admiradores, das calamidades que Hannibal Lecter cometeu ao longo de sua jornada como médico psiquiatra, e até mesmo quando ainda era um jovem estudante de medicina. Apesar de não ser o herói das narrativas, ele é a personagem que instiga a leitura atraindo a atenção de jovens e adultos de todas as idades. Anthony Hopkins ficou imortalizado pelo seu papel do emblemático Hannibal Lecter, o que aumentou ainda mais o interesse pelo canibal e suas facetas. A atração que personagens como Lecter, o ogro exercem sobre uma criança ou adulto vem do mistério que os envolvem e os inspiram (BRUNEL, 1997, p. 759).

Crimes e personalidades fortes, malignas e distintas atraem a atenção do público. “A imagem animalesca de devoração exprime a hediondez do crime contra a humanidade” (BRUNEL, 1997, p.761).

Como o objetivo final do trabalho é relacionar Hannibal Lecter com o mito do ogro e trazê-lo para os dias atuais, fizemos comparações e definições para que essa presença notável dos livros de Harris fosse definida como tal. A personalidade do Dr. Lecter é algo incomparável e eterna, tanto na literatura quanto na televisão, obviamente não existe outro. Sendo assim, acreditamos que fomos capazes de concluir que Lecter se encaixa com o mito, e de que ele é o ogro que estávamos procurando para a contemporaneidade. No primeiro contato que uma pessoa tem com ele, não é possível saber que por detrás de um médico tão qualificado existe uma pessoa de má índole e conduta, um verdadeiro psicopata. É como dizem “nem tudo é o que parece ser”, e disso já fomos avisados por “João e Maria” (Grimm, 1857), que tiveram a infelicidade de entrar na casa errada.

REFERÊNCIAS

- ARGEL, Martha. NETO, Humberto Moura. *O vampiro antes do Drácula*. São Paulo: Aleph, 2008.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BERND, Zilá (Org). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo editorial, 2007.
- BLAIR, Mark. Confissões de um *serial killer*. 1985. Documentário. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=ZICLEfdFawk>>>. Acesso em 20 abril 2016.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Tradução Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.
- CARVALHO, Eliane Knorr de. Canibalismo e antropofagia: do consumo à sociedade. In: XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. 2008, São Paulo. Anais.
- CASOY, Ilana. *Serial killers: louco ou cruel?* Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2014.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CORSO, Diana Lichtestein. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CORSO, Diana Lichtestein. *A psicanálise na Terra do Nunca*. Porto Alegre: Penso, 2011.
- DAYNES, Kerry. *Como identificar um psicopata*. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiro. São Paulo: Cultrix, 2012.
- DIEHL, Daniel; DONNELLY, Mark P (Orgs.). *Devorando o vizinho: uma história do canibalismo*. Tradução Renato Rezede. São Paulo: Globo, 2007.
- HARRIS, Thomas. *Hannibal*. Tradução Alves Calado. 4 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015b.
- _____. *O silêncio dos inocentes*. Tradução Antônio Gonçalves Penna. 12 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015c.
- _____. *Dragão Vermelho*. Tradução José Sanz. 4 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015a.

_____. *Hannibal, a origem do mal*. Tradução Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

IMDB. Dragão Vermelho. Disponível em: <<<http://www.imdb.com>>>. Acesso em 25 maio 2016.

PORTAL UOL. Canibalismo. 2013. Disponível em <<<http://historiadomundo.uol.com.br/>>>. Acesso em: 28 maio 2016.

LACOUTEX, Claude. *História dos vampiros: autópsia de um mito*. Tradução AlvaroLorencini. São Paulo, Editora UNESP, 2005.

MELTON, J. Gordon. *O livro dos vampiros: a enciclopédia dos mortos-vivos*. Tradução James F. Sunderlank Cook. São Paulo: Makron Books, 1995.

MENTE E CÉREBRO. Canibalismo: da cultura à perversão. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/da_cultura_a_perversao.html>>. Acesso em: 9 de abril de 2016.

MERSEY, Daniel. *Guerreiros lendários: grandes heróis mitológicos e reais*. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

O GLOBO. Avião caiu nos Andes e sobreviventes precisaram comer os mortos, em 1972. 2013. Disponível em: <<<http://acervo.oglobo.globo.com>>>. Acesso em: 10 maio 2016.

OQUEE. Ogro. *Dicionário*. Disponível em: <<<http://oquee.com/ogro/>>>. Acesso em: 24 maio 2016.

PORTAL TERRA, Rússia lembra os 70 anos do fim do cerco nazista que levou até ao canibalismo. 2012. Disponível em <<<http://noticias.terra.com.br/>>>. Acesso em: 15 abril 2016.

PSICONLINEWS. Como distinguir um sociopata de um psicopata. 2014. Disponível em: <<<http://www.psiconline.com>>>. Acesso em: 20 maio 2016.

PSYCHIATRY ONLINE BRASIL. Psicanálise em debate: canibalismo. 2003. Disponível em: <<<http://www.polbr.med.br/ano03/psi1203.php>>>. Acesso em: 2 de maio de 2016.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. Condessa Sangrenta. 2012. Disponível em: <<<http://www.superinteressante.pt/>>>. Acesso em: 25 maio 2016.

ROSOSTOLATO, Breno. Antropofagia: o canibalismo sob a luz da psicologia Disponível em: <<<http://www.campograndenews.com.br/artigos/antropofagia-o-canibalismo-sob-a-luz-da-psicologia>>>. Acesso em: 16 abril 2016

_____. A verdadeira história do verdadeiro Drácula. 2015. Disponível em: <<
<http://www.superinteressante.pt/>>>. Acesso em: 26 maio 2016.

SIMON, Robert I. *Homens maus fazem o que homens bons sonham*: um psiquiatra forense ilumina o lado obscuro do comportamento humano. Tradução Laís Andrade, Rafael Rodrigues Torres. Porto Alegre: Artmed, 2009.

STOKER, Bram. *Drácula*. Tradução Theobaldo de Souza. Porto Alegre: L&PM, 1985.

TATAR, Maria. *Contos de fadas*: edição comentada e ilustrada. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.